

# *Prometeu Acorrentado*

*Ésquilo*

Texto retirado do site [www.oficinadeteatro.com](http://www.oficinadeteatro.com)

Centenas de obras e textos teatrais para download. Centro de estudos, e tudo mais de teatro!

***Personagens***

Prometeu

Poder e Vigor

Hefesto

Oceano

Io

Hermes

Coro das Oceânides

*(A cena é o pico duma montanha deserta. Chegam Poder e Vigor, que trazem preso Prometeu; segue-os, coxeando, Hefesto, carregando correntes, cravos e malha.)*

**Poder**

Eis-nos chegados a um solo longínquo da terra, caminho da Cítia, deserto ínvio. Hefesto, é mister te desincumbas das ordens enviadas por teu pai, acorrentando este celerado, com liames inquebráveis de cadeias de aço, aos rochedos de escarpas abruptas. Ele roubou uma flor que era tua, o brilho do fogo, vital em todas as artes, e deu-a de presente aos mortais; é preciso que pague aos deuses a pena desse crime, para aprender a acatar o poder real de Zeus e renunciar o mau vezo de querer bem à Humanidade.

**Hefesto**

Poder e Vigor, a incumbência de Zeus para vós está terminada; nada mais vos embarga. Eu, porém, não me animo a agrilhoar à força um deus meu parente a um píncaro aberto às intempéries. Todavia, é imperioso criar essa coragem; é grave negligenciar as ordens de meu pai. Filho de Têmis bem avisada, cheio de ousados intentos, vou, grado meu, mau grado teu, prender-te com cravos de bronze impossíveis de arrancar a este penhasco deserto, onde não ouvirás a voz nem verás o vulto de nenhum mortal. Crestado pela chama ardente do sol, perderás o viço da pele; o manto matizado da noite, para teu gáudio, virá cobrir a luz, e o sol dissipará de novo as brumas da aurora, mas serás triturado pelo acabrunhamento da desgraça, sempre presente, porque ainda está por nascer o teu libertador. Eis o que te rendeu o vezo de querer bem à Humanidade. Tu, um deus, não te encolheste de medo à cólera dos deuses e entregaste, com violação da justiça, as suas prerrogativas aos mortais; em paga, montarás guarda a este penhasco desprezível, de pé, sem dormir, sem dobrar os joelhos. Debalde exalarás gemidos e ais sem fim, porque inexorável é o coração de Zeus; todo poder recente é implacável.

**Poder**

Basta! Para que te atardares em lástimas perdidas? Por que não abominas o deus mais odioso aos deuses, que entregou aos mortais um privilégio teu?

**Hefesto**

O parentesco e a amizade são forças formidáveis.

**Poder**

Concordo, mas como se podem transgredir as ordens de teu pai? Isso não te infunde medo?

**Hefesto**

Tu és sempre cruel e audacioso.

**Poder**

Lamentos não curam os seus males; não te canses à toa em lástimas

ineficazes.

**Hefesto**

Oh! Que ofício detestável!

**Poder**

Detestável por quê? Tua arte, francamente, culpa nenhuma tem nestas aflições.

**Hefesto**

Ainda assim, oxalá ela o quinhão dalgum outro.

**Poder**

Todos os quinhões foram negociados, menos o de comandar os deuses; ninguém é livre senão Zeus.

**Hefesto**

Bem sei; a isso não posso replicar.

**Poder**

Então, mãos à obra! Envolva-o nas cadeias; que teu pai não te aviste parado.

**Hefesto**

Ele pode ver-me com as correntes nas mãos.

**Poder**

Põe-lhe as cadeias em torno dos braços, martela com toda a força e prega-o na rocha.

**Hefesto**

O trabalho avança e sai a contento.

**Poder**

Bate mais forte, aperta, não deixes folga; ele é hábil em descobrir saídas até onde não existem.

**Hefesto**

Este braço está preso, de não se poder soltar.

**Poder**

Fixa também este solidamente, para ele aprender que sua astúcia não é tão ágil como a de Zeus.

**Hefesto**

Ninguém poderá reclamar com razão de meu trabalho, exceto ele.

**Poder**

Agora, finca-lhe firmemente no peito o dente duro duma cunha de aço.

**Hefesto**

Ai! Prometeu, gemo baixinho por teus sofrimentos.

**Poder**

Estás outra vez remançando e lastimando um inimigo de Zeus?  
Cuidado, não venhas um dia a chorar por ti mesmo!

**Hefesto**

Não estás vendo um espetáculo triste de ver?

**Poder**

Eu o vejo receber o que merece. Vamos, passa-lhe um cinto em torno dos flancos.

**Hefesto**

Não posso evitar de fazê-lo; não precisas exortar-me.

**Poder**

Pois não só te exortarei, mas até instarei contigo. Desce e mete-lhe à força umas grilhetas nas pernas.

**Hefesto**

Pronto. Não deu muito trabalho.

**Poder**

Crava-lhe agora agora fortemente umas peias penetrantes; quem fiscaliza a obra é rigoroso.

**Hefesto**

Tua linguagem afina-se com tua figura.

**Poder**

Sê brando tu, mas não censures minha rigidez e a crueza de minha índole.

**Hefesto**

Podemos ir. Seus membros já estão amarrados.

**Poder (a Prometeu)**

Abusa, agora! Furta aos deuses seus privilégios para entregá-los aos seres efêmeros. Que alívio te podem dar deste suplício os mortais? Errados andaram os deuses em te chamarem Prometeu; tu mesmo precisas de alguém que te prometa um meio de safar-te destes hábeis liames!

*(Retiram-se Poder, Vigor e Hefesto.)*

**Prometeu**

Éter divino! Ventos de asas ligeiras! Fontes dos rios! Riso imensurável das vagas marinhas! Terra, mãe universal! Globo do sol, que tudo vês! Eu vos invoco. Vede o que eu, um deus, sofro da parte dos deuses! Contemplai quanto ignominiosamente estracinado hei de sofrer pelas miríades de anos do tempo em fora! Tal; é a prisão aviltante criada para mim pelo novo capitão dos bem-aventurados! Ai! Ai! Lamento os sofrimentos atuais e os vindouros, a conjecturar quando deverá despontar enfim o termo deste suplício. Mas que digo? Tenho presciência exata de todo o porvir e nenhum sofrimento imprevisto me acontecerá. Cumpre-me suportar com a maior resignação os decretos dos fados, sabendo inelutável a força do Destino. Contudo, não posso calar nem deixar de calar minha desdita. Por ter feito uma dádiva aos mortais, estou jungido a esta fatalidade, pobre de mim! Sou quem roubou, caçada no oco duma cana, a fonte do fogo, que se revelou para a humanidade, mestre de todas as artes e tesouro inestimável. Esse o pecado que resgato pregado nestas cadeias ao relento.

*(Descendo das alturas, pousa um carro alado no pico vizinho; nele vêm as Oceânides, quinze donzelas que compõem o coro.)*

Oh! Sus! que rumor, que fragrância indistinta vem a mim voando? A de um deus? De um mortal? De um ser intermediário? Vem alguém até este penhasco do fim do mundo para observar as minhas penas? ou, então, que procura? Vede-me nestes grilhões, um deus sem ventura, o inimigo de Zeus, aquele que atraiu os ódios de todos os deuses freqüentadores da corte de Zeus, por seu demasiado amor à Humanidade. Oh! Oh! que adejo de aves torno a ouvir perto de mim? O éter sussurra ao leve impulso das asas. De tudo que se aproxima sinto medo.

**Coreuta**

Nada temas. Somos um grupo amigo, que, numa porfia de asas velozes, chegamos até este penhasco, depois de dobrarmos a custo a vontade de nosso pai. Auras velozes me transportaram; o eco do bater do aço, penetrando o ádito de meu antro, expulsou de mim o acanhamento de olhos tímidos e alcei vôo, descalça, neste carro alado.

**Prometeu**

Ai! Ai! Prole de Tétis fecunda, filhas de Oceano, cujo curso envolve a Terra inteira sem nunca adormecer, olhai, vede estas cadeias; pregado nelas montarei uma guarda nada invejável no cimo dos rochedos deste precipício.

**Coreuta**

Estou vendo, Prometeu. Uma névoa cheia de lágrimas sobe-me aos olhos medrosa, quando contemplo o teu corpo nesse rochedo a ressequir na afronta desses grilhões de aço. Um novo arrais governa o Olimpo; Zeus exerce um poder arbitrário, inovando leis, e aniquila hoje os potentados de ontem.

**Prometeu**

Oxalá houvesse ele me atirado sob a terra, abaixo do Hades acolhedor do morto, ao Tártaro intransponível, prendendo-me selvagememente com laços indesejáveis, para nenhum deus, nenhum ser desfrutar a cena; infeliz de mim, porém, para gáudio dos inimigos, sofro como grimpa ao sabor dos ventos.

**Coreuta**

Quem dentre os deuses tem coração tão duro que se rejubile com tuas penas? quem, salvo Zeus, não sentiria a mesma indignação nossa diante de teus males? Ele, eternamente

iroso, com uma determinação inflexível, subjuga a raça celeste e não cessará antes de saciar seu coração ou até que alguém, num golpe feliz, lhe arrebathe o poder inexpugnável!

**Prometeu**

Mas, juro-o, apesar do ultraje destas peias brutais, um dia o chefe dos bem-aventurados precisará de mim, para a revelação do novo decreto do Destino, que lhe arrebatará o cetro e a majestade; e ele não me há de seduzir com o encanto de sortilégios melífluos, nem o pavor de suas duras ameaças jamais arrancará de mim o segredo, enquanto não me soltar deste laços cruéis, disposto a pagar a pena desta humilhação.

**Coreuta**

Tu és ousado. Ao invés de te dobrares à amarga adversidade, falas numa linguagem excessivamente livre. Eu sinto o coração agitado por um medo penetrante. Temo pela tua sorte, imaginando como jamais poderás avistar um termo destes sofrimentos onde aportar; o caráter do filho de Crono é inexorável e seu coração, fechado à persuasão.

**Prometeu**

Sei que ele é cruel e tem à sua discrição o direito. Todavia, seu coração, imagino, se abrandará um dia, quando sofrer o revés a que aludi; então, acalmada a cólera implacável, vira ansioso ao encontro de meus anseios, em busca de minha aliança e amizade.

**Coreuta**

Desvenda-me tudo. Conta-nos em que culpa te apanhou Zeus para te humilhar tão ignominiosa e duramente. Narra-nos, se não te aflige a narrativa.

**Prometeu**

Se contar é doloroso, calar também me dói; de qualquer lado, desdita. Mal começaram os nubes a irar-se e surgiu a discórdia entre eles, uns queriam derrubar Crono de sólio, para que Zeus reinasse daí por diante, outros, ao invés, lutavam por que jamais Zeus governasse os deuses. Então empenhei meus melhores esforços para aliciar os Titãs, filhos de Urano e da Terra. Tudo embalde; em sua mentalidade violenta, desprezando os recursos da astúcia, esperavam vencer facilmente pela força. Minha mãe, Têmis ou Géia, uma só pessoa de vários nomes, mais de uma vez me predissera como aconteceria o futuro; segundo suas revelações, havia de vencer quem superasse não em força e violência, mas em sagacidade. Eu transmitia-lhes a predição, mas não se dignaram sequer a voltar os olhos para mim. Naquelas circunstâncias, fiz o que se me afigurou melhor; com o apoio de minha mãe, fui-me colocar, voluntário bem aceito, ao lado de Zeus. Graças a meus planos, o escuro e profundo esconderijo do Tártaro ocultou o velho Crono com seus aliados. A dívida destes inestimáveis serviços, o rei dos deuses a resgata com este suplício cruel; sem, é mal inerente à tirania não confiar na amizade. Quanto à tua pergunta, a causa por que ele me avilta, vou esclarecer-te. Apenas sentado no sólio de seu pai, passou a distribuir a cada nume seus privilégios, delimitando os poderes; dos pobres mortais não fez conta nenhuma; queria, ao contrário, exterminar-lhes a raça e criar outra nova. A esse plano ninguém se opunha, senão eu; minha bravura salvou a Humanidade de baixar esmagada para o Hades. Por isso, eis-me vergado sob estas torturas, dolorosas de sofrer e lastimáveis de ver. A mim, que me compadecei dos mortais, não me consideraram digno de compaixão e sujeitaram-me a esta crueldade, num espetáculo inglório para Zeus.

**Coreuta**

Plasmado de ferro e de pedra, Prometeu é o coração de quem não se indigna com os teus sofrimentos. Eu não quisera contemplar esta cena e, quando a vi, pungi-me o coração.

**Prometeu**

Deveras, inspiro dó aos amigos que me vêm.

**Coreuta**

Foste, decerto, além daquela oposição?

**Prometeu**

Sim, curei nos homens a preocupação da morte.

**Coreuta**

Que remédio achaste para esta mal?

**Prometeu**

Alojei neles as cegas esperanças.

**Coreuta**

Foi esse um dom utilíssimo para a Humanidade.

**Prometeu**

Além disso, dei-lhes de presente o fogo.

**Coreuta**

Os efêmeros possuem agora o fogo chamejante?

**Prometeu**

Sim e dele aprenderão artes sem conta.

**Coreuta**

são, pois, esses os capítulos de acusação por que Zeus...

**Prometeu**

... me afronta e não consente nenhum alívio de meus males.

**Coreuta**

Não há termo prefixado a teu suplício?

**Prometeu**

Nenhum, senão quando bem lhe parecer.

**Coreuta**

E como lhe há de parecer bem? Que esperança pode haver? não vês que erraste? Dizer da extensão de teu erro seria para mim desagradável e para ti penoso. Pois bem, deixemos isso de lado; procura um meio de livrar-te da tortura.

**Prometeu**

É fácil, quando se pisa do lado de fora da desgraça, aconselhar e repreender quem está sofrendo. Eu sabia de tudo isto; errei por querer; por querer, não vou negá-lo. Eu mesmo fui procurar meus sofrimentos quando socorri os mortais. Sem embargo, não esperava sofrer a pena de ficar mirrando assim nestas alturas rochosas, dar com os costados neste penhasco ermo e deserto. Contudo, não lamente as minhas dores atuais. Pousai no chão e ouvi os males que me estão por vir, para saberdes tudo do começo ao fim. Escutai-me! Escutai-me! Compartilhai a dor de quem está penando agora, pois a adversidade, em seus erros sem rumo, visita hoje um, outro amanhã.

**Coreuta** (enquanto o coro apeia.)

Não é preciso insistires, Prometeu; esse é o nosso desejo. Meus leves pés já abandonam o carro veloz; desço do éter, caminho sagrado das aves, e



pouso neste chão fragoso, ansiosa por ouvir os teus sofrimentos do princípio ao fim.

**Oceano** (*surge cavalgando um grifo.*)

Aqui estou, Prometeu. Para ver-te, percorri todo um longo roteiro, guiando, sem uso de freios, pelo poder da vontade, esta ave de asas velozes. Acredita-me, sofro com a tua sorte; penso que é por efeito do parentesco e porque, à parte os laços de sangue, a ninguém no mundo eu seria mais dedicado que a ti. Reconhecerás a minha sinceridade e que não são vãs as amabilidades de minha parte. Vamos, dize o que devo fazer por ti; jamais apontarás um amigo mais fiel do que Oceano.

**Prometeu**

Hem? Que aconteceu? Vieste tu também assistir as minhas penas? Como te abalançaste a deixar o rio a que deste o nome, e tuas cavernas naturais cobertas de rocha, para vires à terra mãe do ferro? Vieste, acaso, observar a minha sorte para chorar comigo a adversidade? Contempla o espetáculo: eu, o amigo de Zeus, que ajudei a implantar o seu reinado, a que suplício por ele imposto me dobro!

**Oceano**

Estou vendo, Prometeu, e quero dar-te o meu melhor conselho, apesar de toda a tua sagacidade. Reconhece a tua condição e muda de gênio, pois um novo rei governa os deuses. Se lanças assim palavras brutais e afiadas, Zeus, das longínquas alturas onde se assenta, pode ouvi-las e talvez venhas a considerar um tormento de brinquedo a cólera de agora.. não, desgraçado! Renuncia a tua fúria e procura livrar-te deste suplício. Acharás, talvez, antiquados meus conselhos; contudo, Prometeu, essa é a paga de tua língua demasiado altiva. Tu, porém, ao invés de te humilhares e curvares ante as desgraças, queres juntar outras novas às que já tens. Se acatares meus ensinamentos, não escolinharás o aguilhão, quando vês no poder um monarca brutal, que a ninguém presta contas. Agora, da minha parte, eu vou fazer o possível para livrar-te destas penas; tua, da tua, está quieto e não esbravejes demais. Ou ignoras, a despeito da sutileza de tua sabedoria, que à língua insolente se inflige castigo?

**Prometeu**

Sinto inveja ao ver-te livre de acusação, quando participaste de tudo, acompanhando o meu arrojo. Agora, deixa estar; esquece. Jamais conseguirás persuadi-lo; ele é obstinado. Toma cautela: com essa missão, vais cavar a tua própria ruína.

**Oceano**

És melhor conselheiro do próximo do que de ti mesmo; dizem-nos os fatos melhor do que os argumentos. Não tentes de modo algum dissuadir-me desta empresa. Palavra! Zeus, garanto-o, me fará a mercê de livrar-te deste suplício.

**Prometeu**

Agradeço-te o favor e jamais o esquecerei; o teu zelo é impecável. Contudo, não te dês a esse trabalho; será um esforço baldado, sem proveito para mim, se é que estás disposto a esforços. não. Descansa e não dificultes as coisas. Porque estou sofrendo não é que hei de querer a desgraça de muitos. Deveras, não. Já me angustia a sorte de meu irmão Atlas, de pé, na região do ocaso, suportando nos ombros a coluna entre o céu e a terra, um fardo nada maneiro. Também me deu pena ver domado pela força Tifão, o impetuoso, o morador das cavernas da Cilícia, nascido da terra, monstro medonho de cem cabeças. Ele Arrostou a todos os deuses, silvando pavores pelas queixadas terríficas; de seus olhos fuzilava uma clarão aterrador, ameaçando derrubar Zeus do poder pela força. Alcançou-o, porém, o dardo vigilante de Zeus, o raio que cai espirrando chamas, e derrubou-o de suas bravatas arrogantes. Foi ferido bem no coração e sua força pulverizou-se, fulminada. Hoje, o corpo jaz inerte, estatelado junto dum estreito de mar e comprimido pelas raízes do Etna, enquanto, instalado na cumeada,

Hefesto malha o ferro candente. Rios de fogo irromperão dali um dia para devorar com selvagens maxilas as leivas escampadas da fértil Sicília, tal será o espumar de cólera que Tifão, mesmo carbonizado pelo raio de Zeus, golfará para os ares com os dardos incandescentes duma tempestade de chamas insaciável. Mas tua experiência dispensa ensinamentos meus; põe-te a salvo, como sabes fazer; eu, por mim, irei esgotando a minha desventura até que afrouxe a cólera no coração de Zeus.

**Oceano**

Não sabes, Prometeu? Ira é a doença que os argumentos curam.

**Prometeu**

Sim, quando emolimos um coração no momento oportuno; não, quando queremos reduzir à força o tumor duma paixão.

**Oceano**

Vês contida no zelo ousado alguma pena? Dá-me a saber.

**Prometeu**

Sim, o malogro da fadiga e o desengano da candura.

**Oceano**

Deixa-me adoecer dessa moléstia; nada melhor do que passar por louco, por amizade.

**Prometeu**

A mim atribuirão depois a culpa.

**Oceano**

Esse teu argumento manda-me claramente de volta para casa.

**Prometeu**

Sim, para evitar que, lamentando-me, atraias ódio sobre ti.

**Oceano**

O ódio de quem sentou há pouco no sólio onipotente?

**Prometeu**

Tome cuidado; não irrites nunca o seu furor.

**Oceano**

Tua desdita, Prometeu, é uma lição.

**Prometeu**

Adeus! Parte e conserva o teu juízo são de agora.

**Oceano**

Estava de partida; era escusado insistires. Já minha ave de quatro pés resvala com as asas pelo caminho aberto do éter e dobrará contente os joelhos na estrebaria familiar.

*(Monta e parte.)*

**Coro** *(enquanto uma das Oceânides declama as outras dançam.)*

Solução, Prometeu, chorando tua sorte funesta; tenho as faces molhadas do úmido jorro do rio de lágrimas que vertem os meus olhos enternecidos. Zeus exerce tais rigores segundo leis apenas suas, para mostrar aos deuses de

outrora sua autoridade soberba. Já se elevou em todos os países um coro de gemidos, lamentando a grandeza magnificente, de venerável antigüidade, a ti e a teus irmãos arrebatada. Sofrem contigo tuas deploráveis tribulações todos os mortais que habitam o solo vizinho da Ásia sagrada, bem como as virgens moradoras da terra da Cólquida, intrépidas na luta, as hordas da Cítia, que ocupam a estremadura da terra sobre o Lago Meótis e a flor dos guerreiros da Arábia, que habitam uma praça forte erguida em altas escarpas junto ao Cáucaso, hoste arrasadora, cujas lanças aguçadas retinem. Até agora eu vira apenas um titã sofrer subjogado por brutais cadeias de aço, o divino Atlas, dorso eternamente vergado ao peso da abóbada celeste, por imposição dum poder mais forte, a gemer surdamente. Guaiam as vagas do mar entrechocando-se; geme o abismo; fremem no âmago da terra as trevas do Hades, e as fontes dos rios de correntezas sagradas soluçam por teu sofrimento lastimável.

**Prometeu**

não atribuas a orgulho ou arrogância o meu silêncio; rói-me o coração o arrependimento, quando me vejo assim ultrajado. Afinal, quem mais senão eu asselou cabalmente a esses novos deuses os seus privilégios? Mas essa queixa eu calo; para que dizê-lo a quem o sabe? Ouvi, porém as tribulações dos mortais; ouvi como, de parvos que eram, os tornei racionais e dotados de inteligência. Quero contá-lo, não porque tenha queixa da Humanidade, mas para demonstrar quão amistosas foram as minhas dádivas. Eles, antes, olhavam à toa, sem ver, escutavam sem ouvir; por toda a sua longa existência, tudo confundiam sem tino, como vultos vistos em sonho. Desconheciam casas de tijolos ensolaradas e não sabiam lavrar a madeira; moravam sob a terra, como as ágeis formigas, no fundo sem sol das cavernas. não conheciam nenhum sinal seguro do inverno, nem da primavera florida, nem do verão frutuoso. Tudo faziam sem saber, até quando lhes ensinei o orto dos astros e seu obscuro poente. Inventei para eles o número, a suprema ciência, bem como a escrita que tudo recorda, arte mãe de toda cultura. Fui quem primeiro ligou sob jugo os animais, escravizando-os à canga ou à sela, para substituírem os mortais nos trabalhos mais penosos, e atrelei ao carro cavalos dóceis à rédea, ornamento aparatoso à opulência. Ninguém senão eu inventou para os navegantes os carros de asas de linho, que cruzam os mares. Eu, desgraçado, que inventei para os homens tais engenhos, para mim mesmo não descubro uma artimanha com que do presente suplício me liberte.

**Coro**

O que se dá contigo é humilhante; tua mente vagueia frustrada e, como um medicastro adoecido, ficas desalentado, incapaz de atinar com remédio que te possa curar.

**Prometeu**

Ouvindo o resto, ainda mais te admirarás das artes e meios que imaginei. Principalmente, quando alguém adoecia, não tinham medicamento algum, nem de comer, nem de passar, nem de beber; definhava, carecidos de remédio, até que lhes ensinei a composição de específicos eficazes com que afastam todas as moléstias. Coligi muitos gêneros de adivinhação; fui o primeiro a distinguir entre os sonhos quais hão de tornar-se realidade; interpretei para eles os presságios obscuros e os agouros surgidos nos caminhos. Defini com precisão o vôo das aves de garras aduncas, os costumes de cada uma, seus ódios mútuos, suas

afeições, suas compatibilidades, bem como a lisura das entranhas, a cor que devem Ter para agradarem aos deuses, a variedade dos aspectos bons da vesícula e do lobo. Queimando, envoltos em gordura, os membros e lombadas, guiei os homens nas obscuridades do aruspício, abrindo os seus olhos para o significado das chamas, até então velado. Quanto a esse ramo, basta. Mas dos bens ocultos ao homem no seio da terra, bronze, ferro, prata, ouro, quem pode reclamar a descoberta antes de mim? Ninguém, tenho certeza, a menos que deseje garrular à toa. Posso contar tudo resumido em breves palavras: todas as artes os mortais devem a Prometeu.

**Coro**

Não vás proteger os mortais além da conta e negligenciar a tua própria desventura; pois eu espero que, liberto destas cadeias, ainda venhas a poder tanto como Zeus.

**Prometeu**

Não. O Destino, que tudo cumpre, ainda não decretou que assim seja. Só depois de me dobrar sob milhares de suplícios e tormento me verei livre destas cadeias; os fados podem muito mais do que a astúcia.

**Coro**

E quem manobra o timão dos fados?

**Prometeu**

As três parcas e mais as memoriosas Eríneas.

**Coro**

São elas, pois, mais fortes do que Zeus?

**Prometeu**

Ele não poderá escapar a seu destino.

**Coro**

Qual o destino de Zeus, senão o poder eterno?

**Prometeu**

Não me perguntes mais sobre isso e não insistas.

**Coro**

Deve ser um mistério que tu velas.

**Prometeu**

Mudemos de assunto; absolutamente não é oportuno revelar esse segredo; ao invés, deve ser guardado o mais possível. Se eu o preservar, poderei escapar um dia aos grilhões humilhantes e aos tormentos.

**Coro** (*enquanto uma declama, as outras dançam.*)

Que Zeus, senhor do universo, não ponha mais o seu poder em luta com a minha vontade! Oxalá não me demore eu em solicitar a presença dos deuses no pio banquete de hecatombes à margem da extensão infinita de meu pai Oceano, nem haja pecado em minhas palavras; ao contrário, possa esta disposição perpetuar-se em mim sem apagar-se nunca. Doce é passar nossa longa existência entre esperanças fagueiras, nutrindo o coração de prazeres radiosos; mas estremeço, quando te vejo dilacerado por dores inumeráveis, porque tu, Prometeu, sem o temor de Zeus, por tua própria decisão, votas à

Humanidade uma estima excessiva. Vamos, amigo, dize: que favor veio pagar os teus favores? Onde encontras ajuda? Que socorro te mandaram os efêmeros? Não vês a fraqueza, a impotência, tolhendo os pés da cega raça humana como num pesadelo? A vontade dos mortais não eludirá jamais a ordem estabelecida por Zeus. Eis a lição que aprendi, Prometeu, contemplando a tua ruína. Duas melodias voejam até mim: a deste cântico e a do himeneu que em honra de tuas bodas entoei no momento de teu banho e quando subias ao leito, no dia em que ao tálamo de esposa levaste minha irmã Hesíona, seduzindo-a com teus mimos.

*Io (entra esbaforida; é uma jovem de cuja fronte despontam cornos bovinos.)*

Que terra é esta? Que povo a habita? Quem direi que vejo aí exposto ao tempo, atrelado a um penhasco? Que crime expias assim perecendo? Esclarece-me a que lugar da terra vim dar vagueando, pobre de mim! Ai! Ui!

*(Corre para lá e para cá, espantada.)*

De novo um tavão aferroa esta infeliz. É o espectro de Argos, filho da Terra! Terra, enxota-o! Apavora-me a visão do zagal de mil olhos. Aí vem ele com seu olhar traiçoeiro. Morto, embora, não o esconde a terra; vem do mundo dos mortos para dar caça a esta desditosa, para fazê-la errar, faminta, pelas areias das praias. Toada enfadonha modulam no meu rasto seus canudos sonoros colados como cera. Ai! Ai! Deuses! Onde me levam estes erros longínquos? Que crime, filho de Crono, que crime achaste em mim para me jungires as estas tribulações – ai! – e assim consumires esta mísera insana com o pavor do tavão perseguidor? Queima-me com teu fogo, enterra-me no chão, ou lança-me em pasto aos monstros marinhos; não desatendas, senhor, as minhas súplicas; por demais me estafaram os erros sem fim e não descubro meios de fugir aos meus tormentos. Ouves a voz da virgem de cornos bovinos?

**Prometeu**

Como não ouvir a donzela que o tavão volteia, a filha de Ínaco, cujo amor aqueceu o coração de Zeus e agora, coagida pelo rancor de Hera, se extenua a correr extensões inumeráveis?

**Io**

Como sabes tu dizer o nome do meu pai? Responde a esta mofina. Quem és tu, que em termos tão verazes falas a esta malfadada, mencionando o mal pelos deuses infligido, que me consome com ferroadas de enlouquecer? Ai! Os desígnios rancorosos de Hera impeliram-me até aqui no ímpeto de saltos degradantes que esfomeiam. Quem dentre os desgraçados, ai! Padece tormento igual ao meu? Vamos; conta-me francamente os sofrimentos que me esperam. Que recurso ou remédio cura este mal? Indica-o, se é que sabes. Fala, informa a virgem dos tristes erros.

**Prometeu**

Dir-te-ei com franqueza quanto desejas saber, sem trançar enigmas, na linguagem singela que assenta a lábios que se descerram falando a amigos. Estás vendo o dador do fogo aos homens, Prometeu.

**Io**

Ó benfeitor aparecido a toda a Humanidade, infeliz Prometeu, que pena estás cumprindo?

**Prometeu**

Há pouco decidi não mais chorar meus males.

**Io**

Recusar-me-ias, então, uma graça?

**Prometeu**

Dize-me o que pedes; de tudo posso informar-te.

**Io**

Conta quem te encadeou neste alcantil.

**Prometeu**

A ordem foi de Zeus, mas o braço, de Hefesto.

**Io**

Qual o crime cuja pena estás cumprindo?

**Prometeu**

Os esclarecimentos dados acho que te bastam.

**Io**

Dize mais quando será o fim dos erros desta inditosa.

**Prometeu**

Para ti é melhor ignorá-lo do que sabe-lo.

**Io**

Por favor, não me ocultes aquilo que vou sofrer.

**Prometeu**

Bem, não regatearei esta dádiva.

**Io**

Então, por que tardas em revelar-me tudo?

**Prometeu**

Não é que me recuse; receio perturbar-te o coração.

**Io**

Não mais te aflijas or mim; eu terei prazer.

**Prometeu**

Se assim o quer, devo falar; escuta.

**Io**

Ainda não. A mim também concede um quinhão de prazer. Indaguemos antes o mal que a aflige; conte ela própria sua ruínosa desdita e ouça de ti depois seus tormentos vindouros.

**Prometeu**

A ti incumbe dar-lhes esse gosto, Io, tanto mais que são irmãs de teu pai. Vale a pena chorar, lastimar o destino, quando se vão arrancar lágrimas dos ouvintes.

### **Io**

Não posso enganar-vos; ouvireis quanto desejais saber, num relato preciso. Todavia, coro ao contar a origem da tormenta que, armada por um deus, sobre mim desabou e desfigurou esta infeliz. Visões noturnas visitavam constantemente minha alcova virginal e sussurravam conselhos: “Donzela venturosa, por que tanto prolongas tua virgindade, se podes ter o mais excelso esposo? Zeus, que aqueceste com a flecha do desejo, quer desfrutar contigo os deleites de Cípris; não desdenhes, menina, o leito de Zeus; sai, vai à campina viçosa de Lerna, onde pascem os rebanhos e as manadas de teu pai, para que o olhar de Zeus sacie o seu desejo.” Eu infeliz, noite após noite era instigada por semelhantes sonhos, até criar o ânimo de revelar a meu pai que visões me visitavam à noite. Ele expedia missionários a Delos e Dodona, uns após outros, a consultar o oráculo, indagando o que devia fazer ou dizer para satisfação dos deuses. Eles voltavam com respostas ambíguas, incompreensíveis, indecifráveis. Por fim, Ínaco recebeu um recado claro, que, em palavras precisas, o conjurava a banir-me do lar e da pátria, para que vagasse livremente como rês votada ao sacrifício, até os mais longínquos confins da Terra, se não quisesse ver o raio flamante de Zeus cair e aniquilar toda a sua raça. Obediente a esse vaticínio de Lóxias, expulsou-me, mau grado seu e mau grado meu, e fechou-me a porta de casa. Se assim procedia, era coagido pela força do freio de Zeus. Num instante minha figura e minha mente se transmudaram; com estas pontas, como vedes, e aferroada pelas agudas picadas dum moscardo, desfechando saltos loucos, tomei o rumo das saudáveis águas de Cercnéia, e da fonte de Lerna. Argos, um pegureiro nascido da Terra, de índole violenta, vigiava, com seus olhos incontáveis, cada um dos meus passos. Uma morte inesperada e súbita privou-o da vida e eu, ferroadada do tавão, passei a ser enxotada de país por um flagelo divino. Ouviste o meu passado; se sabes dizer minhas penas futuras, revelas-me; não me confortes, porém, compadecido, com palavras enganosas; a linguagem mentirosa é a mais nojenta das pestes.

### **Coro**

Oh! Oh! Arreda! Que horror! Jamais, jamais esperei chegasse a meus ouvidos tão estranho relato, nem flagelos, desgraças, terrores, tão horríveis de ver e de ouvir, que gelam minha alma com agulhões de duas pontas. Ai! Destino! Destino! Sinto arrepios ao ver as desventuras de Io.

### **Prometeu**

É cedo para gemeres e te encheres de medo; espera até conheceres também o porvir.

### **Coro**

Fala, conta; é doce a quem padece conhecer bem, de antemão, a dor vindoura.

### **Prometeu**

Sem esforço lograstes a satisfação que pedistes em primeiro lugar; queríeis ouvir primeiramente as provações de Io contadas por ela mesma; ouvi agora que aflições ainda tem de sofrer esta jovem por obra de Hera. Tu, progênie de Ínaco, guarda as minhas palavras no coração, para conheceres o fim de tua peregrinação. Ao partires daqui, volta-te primeiro para o levante e percorre as campinas incultas; alcançarás os citas nômades; eles moram em choças de esteira montadas sobre carros de boas rodas e de seus ombros pendem arcos de longo alcance. Não te aproximes deles; guia teus passos para junto da penedia onde soluça o mar e atravessa o país; à mão esquerda ficam os cálibes ferreiros, de quem te debes guardar; são selvagens e inacessíveis a estranhos. Chegarás ao Rio Hibristes, que não desmente o nome; não o transponhas, pois não é fácil de vadear, enquanto não atingires o próprio Cáucaso, a mais alta das montanhas, de cujas encostas mesmas sorve o rio a sua fúria. Deves transpor a cumeada, que vizinha com os astros, e seguir o caminho do sul. Encontrarás ali a hoste das Amazonas, que odeiam os varões;

essas fundarão um dia Temiscira junto ao Termodonte, onde se abre a barra cruel de Salmidesso, inospitaleira aos mareantes, madrasta aos navios. As Amazonas te guiarão com muito gosto. Atingirás o istmo cimério na estreita abertura do lago; deverás encher-te de coragem para deixá-lo e atravessar o estreito meótico; a Humanidade guardará para sempre a memória gloriosa da tua passagem; o braço de mar, em recordação, terá o nome de Bósforo. Deixando o solo da Europa, alcançarás a terra firme da Ásia. O rei dos deuses não vos parece igualmente violento em tudo? Por seu desejo de unir-se a esta mortal, ele, um deus, a condenou a esses erros. Tu deparaste, donzela, um cruel pretendente a tua mão; com efeito, o rol que acabas de ouvir, podes crê-lo, não é ainda o prelúdio.

***Io***

Pobre de mim! Ai!

***Prometeu***

Gritas e suspiras de novo! Que farás quando souberes dos males restantes?

***Coro***

Vais contar-lhe mais outras atribulações?

***Prometeu***

Um mar tempestuoso de calamidades funestas.

***Io***

Então, que me vale viver? Por que não me atiro já do alto deste duro penedo, para livrar-me de todas as aflições arrojando-me abaixo? Melhor é morrer duma vez do que viver padecendo dia a dia.

***Prometeu***

Que difícil te seria suportas as minhas penas! A mim, os fados não consentem a morte; seria essa a libertação de meus tormentos; mas nenhum fim se oferece a meus sofrimentos antes que de se poder Zeus seja derrubado.

***Io***

É possível que Zeus caia do poder algum dia?

***Prometeu***

Gostarias, creio, de ver o acontecimento.

***Io***

Como não, se é por causa de Zeus que padeço?

***Prometeu***

Pois bem; assim será, podes estar certa.

***Io***

Quem lhe há de arrebatat o cetro da realeza?



**Prometeu**

Ele mesmo o fará com seus caprichos insensatos.

**Io**

De que maneira? Dize-o, se não há perigo.

**Prometeu**

Ele convolará a núpcias de que há de arrepender-se.

**Io**

Noiva divina ou humana? Se não é segredo, conta-me.

**Prometeu**

Que importa quem seja? Não devo romper o segredo.

**Io**

A esposa o destronará?

**Prometeu**

Sim, dando à luz um filho mais forte que o pai.

**Io**

E não há como arredar dele esse destino?

**Prometeu**

Não, salvo se eu for solto dos grilhões.

**Io**

Quem há de te soltar, se Zeus assim não quer?

**Prometeu**

Um de teus descendentes, como querem os fados.

**Io**

Que dizes? Um filho meu te livrará dos males?

**Prometeu**

Após dez outras gerações, uma da terceira.

**Io**

O vaticínio agora não compreendo bem.

**Prometeu**

não procures tampouco saber as tuas penas.

**Io**

não me retires um proveito depois de oferecê-lo.

**Prometeu**

Vou presentear-te com uma de duas revelações.

**Io**

Quais? Indica-mas e dá-me a escolha.

**Prometeu**

Dou-a. Escolhe se te revelo exatamente tuas penas futuras ou quem me há de soltar.

**Coro**

Desses favores, hajas por bem conceder um a ela e o outro a mim. não desprezes os nossos pedidos; desvenda a lo os erros futuros e a mim o teu libertador; este é que anseio por saber.

**Prometeu**

Já que ansiais por isso, não me negarei a revelar-vos quanto desejais. Primeiro lo, discorrerei sobre teus conturbados erros. Registra-os nos assentos de tua memória. Passada a correnteza que extrema os continentes, toma o rumo do rubro oriente que o sol perlustra e, sem jamais cruzar o mar banzeiro, segue até chegares à rechã gorgônea de Cistena. Moram ali as Fórcides, três anosas donzelas de corpo de cisne; elas possuem um só olho comum, um único dente; o sol jamais projeta sobre elas se encontram suas irmãs; tem asas; os cabelos são serpentes. São as Górgonas, odiosas aos mortais; nenhum ser humano jamais as verá, que não exale o último suspiro. Previno-te para que te acauteles. Mas ouve sobre outro espetáculo intratável; guarda-te dos cães de Zeus que não ladram, os grifos de agudo bico, e da hoste montada dos arimaspos de um só olho, que povoam as margens do Rio Plutão, de águas auríferas; deles não te acerques. Chegarás, daí, a um país remoto, a um povo negro, que vive junto às fontes do sol, donde mana o Rio Etíope. Vai seguindo pelas ribas até deparares uma catarata; ali despeja o Nilo, das montanhas de Biblos, suas venerandas águas saudáveis. Ele te guiará a Nilótis, terra triangular; ali segundo dispõem os fados, tu fundarás, lo, com teus filhos, a colônia longínqua. Se alguma coisa te ficou obscura e incompreensível, torna a perguntar para saberes com certeza. Disponho de mais vagares do que desejaria.

**Coro**

Se algo resta por desvendar ou se omitiste alguma coisa de seus ruinosos erros fala; se tudo disseste, concede-nos agora a graça pedida, de que, por certo, estás lembrado.

**Prometeu**

Ela ouviu tudo sobre o fim de sua viagem, mas para a certeza de que não me escutou em vão, provarei minhas revelações dizendo o que sofreu antes de chegar aqui. Ponho de lado a multidão de fatos e vou direto aos últimos passos de tua vagueação. Chegada à planície de Molossos, ao planalto de Dodona, sede do oráculo de Zeus Tesproto e do prodígio incrível dos carvalhos falantes, estes saudaram em ti, em termos claros e sem nenhum enigma, a futura esposa gloriosa de Zeus. não te lisonjeiam as recordações? Dali, picada do tavão, arremeteste pela estrada costeira rumo ao grande golfo de Réia, donde voltaste a correr fustigada pela tua tormenta. A posteridade, fica sabendo, chamará Iônio aquele golfo de mar, recordando a todos os mortais a tua passagem. Essa a prova de que minha mente enxerga além do alcance de meus olhos. O resto direi a vós e a ela em comum, voltando à trilha da narrativa. Há uma cidade, Canobos, no extremo daquela terra, sobre o alúvio do Nilo, bem na foz. Zeus alí te devolverá a razão, pousando sobre ti sua mão calmante e roçando-te apenas; darás à luz o negro Épafo, cujo nome recordará como Zeus o terá gerado. Ele cultivará toda a terra banhada pela larga correnteza do Nilo. De sua quinta geração, cinqüenta donzelas, mau grado seu, voltarão para Argos, fugindo ao casamento cosangüíneo com seus primos. Estes, no ardor de sua paixão, como milhafres perseguindo pombas de perto, chegarão em caça de núpcias não consentidas. Um nume, porém, impedirá que as alcancem e o solo pelasgo os sepultará, vítimas de Ares obrando por mãos femininas, em vigo audácia; cada mulher tirará a vida a seu homem, mergulhando-lhe na garganta uma adaga de dois gumes. Oxalá conceda Cípris amores tais a meus inimigos! Uma, porém, amolentada pelo desejo de ter filhos, relaxando a decisão, poupará a vida a seu esposo. Na alternativa, ao opróbro de assassina, preferirá o de covarde. Essa dará à luz a linhagem real de Argos. Para narrar estes fatos com clareza, é preciso uma longa exposição; em suma, da semente dessa mulher nascerá um bravo, um glorioso frecheiro, que me libertará destas penas. Esse o vaticínio que me expôs minha mãe, Têmis, a irmã dos Titãs,

deusa da antiga geração. Mas como e por quais meios? Contá-lo tomaria longo tempo e tu nada lucrarias em sabe-lo.

**Io**

Ai de mim! Ai de mim! Ardo de novo em convulsões e delírios de loucura; espicaça-me um moscardo com seu agulhão não temperado no fogo. De medo, o coração escoicinha-me as entranhas. Meus olhos revolvem-se nas órbitas! O sopro da fúria frenética arrasta-me fora da pista; minha língua não mais me obedece e as palavras batem, confusas, e desencontradas, de encontro às vagas duma fatalidade odiosa.

*(Parte a correr desvairada.)*

**Coro** *(uma coreuta declama; as outras dançam.)*

Um sábio, sim, um sábio o primeiro cuja mente pesou e cujos lábios formularam em palavras o pensamento de que o casamento de iguais é de muito a melhor das alianças e o proletário não deve aspirar à mão de noiva que a opulência encheu de melindres ou a linhagem de soberba. Oxalá nunca, ó Parcas, nunca me vejais metida na alcova de Zeus como esposa! Nem se chegue a mim como marido um dos seres do céu. Tremo quando vejo lo consumindo a virgindade arredia na vida errante, de misérias e penas que Hera lhe inflige. Um esposo de meu nível não me assusta. Que nenhum dos deuses superiores me atire olhares cúpidos de que não há fugir. Essa luta eu não poderia sustentar; meus ardis malograriam e não sei o que seria de mim, que não vejo como escaparia aos intentos de Zeus.

**Prometeu**

Dia virá em que Zeus se há de humilhar, a despeito de toda a arrogância de seu coração, por efeito das bodas que se apresta para celebrar. Essa união o derrubará, aniquilado, do poder e do trono. Então estará cumprida plenamente a praga rogada por Crono, seu pai, ao cair do trono secular. Nenhum deus senão eu poderia ensinar-lhe de modo claro como arredar de si tamanha desdita. Eu sei qual é e como conjurá-la. Assim, pois, pode ele entronar-se seguro de si, fiado nos estrondos que troam nas alturas quando brande nas mãos o dardo chamejante. Eles não lhe valerão nada para evitar a vergonha duma queda insuportável, tão potente é o adversário que ele agora para si mesmo apresta, um portentoso invencível, que inventará fogo mais forte que o raio e estrondo formidável maior que o trovão, e despedaçará o tridente, a lança de Posidão, flagelo marinho que abala a terra. Quando ele der de encontro com essa desgraça, conhecerá quanto vai de reinar e servir.

**Coro**

Vamos lá! Tuas ameaças a Zeus não são mais do que desejos teus.

**Prometeu**

Predigo o que será e é também o meu desejo.

**Coro**

Devemos esperar que alguém dê ordens a Zeus?

**Prometeu**

Sim, e que sofra penas mais pesadas que estas.

**Coro**

Como ousas proferir semelhantes palavras?

**Prometeu**

Nada tenho que temer; não estou fadado à morte.

**Coro**

Mas ele pode infligir-te suplício ainda mais doloroso que este.

**Prometeu**

Pois que o faça; nada me pode surpreender.

**Coro**

Sábio quem se prosterna diante da Adrastéia.

**Prometeu**

Venera, implora, bajula tu o poderoso do dia. A mim me importa Zeus menos que nada. Que se avie, que exerça como quiser o seu poder de curta duração, pois não reinará sobre os deuses longo tempo. Eis à vista, porém, o correio de Zeus, o serviçal do novo tirano; por certo, vem comunicar-nos alguma novidade.

**Hermes (entrando.)**

Tu aí, velhaco, o mais intratável dos intratáveis, que lograste os deuses pondo os seus privilégios ao alcance dos seres efêmeros – estou me referindo ao ladrão do fogo – meu pai ordena que reveles qual casamento, segundo alardeias, o derrubará do poder. E nada de enigmas; fala ponto por ponto pelos termos próprios. Não me vás obrigar a uma segunda viagem, Prometeu; não é com rodeios, bem vê, que hás de aplacar Zeus.

**Prometeu**

Essa fala impertinente, cheia de soberba, é bem a linguagem dum laçao dos deuses. Vós sois moços; recente, o poder que exerceis; imaginais, por isso, viver numa torre acima dos sofrimentos; já não vi eu dois reis expulsos dela? O terceiro, o atual reinante, eu o verei também cair de maneira ignominiosa e rápida. Pensas que temos os novos deuses e me encolho diante deles? Para isso falta muito; melhor, falta tudo. Desanda ligeiro o caminho por onde vieste, que de mim nada saberás do que indagas.

**Hermes**

Semelhantes insolências já te trouxeram a ancorar neste suplício.

**Prometeu**

Pois saibas sem sombra de dúvida que eu não trocaria minhas misérias pela tua servidão; acho preferível estar escravizado a este penhasco a ser o mensageiro fiel de Zeus teu pai. A injúrias responde-se assim, com injúrias.

**Hermes**

Pareces orgulhoso da tua situação.

**Prometeu**

Orgulhoso? Orgulhosos assim tomara visse eu os meus inimigos – e incluo-te nesta conta.

**Hermes**

Culpas a mim também de teus desastres?

**Prometeu**

Francamente, odeio todos os deuses; devem-me favores e pagam-me com iniquidade.

**Hermes**

Ouçó palavras de louco, e a moléstia é grave.

**Prometeu**

Moléstia será, se odiar os inimigos for insânia.

**Hermes**

Serias insuportável, se houvesse triunfado.

**Prometeu**

Ai de mim!

**Hermes**

Essa exclamação Zeus desconhece.

**Prometeu**

Tudo ensina o tempo com a idade.

**Hermes**

Tu, porém, ainda não aprendeste a ter juízo.

**Prometeu**

Tens razão; assim não fosse, não conversaria com um laçao.

**Hermes**

Pelo que vejo, nada dirás do que meu pai deseja.

**Prometeu**

Com efeito! Por muitas finezas lhe devo ser grato!

**Hermes**

Vê se não zombas de mim como duma criança.

**Prometeu**

Então, não és uma criança? não és mais ingênuo que criança, quando espera obter de mim alguma informação? Afronta não há nem astúcia com que me mova Zeus a revelar o segredo antes de soltas estas infames cadeias. Agora, podem lançar sobre mim a chama devoradora; podem revolver o universo, confundi-lo sob a neve de asas brancas e com os ribombos subterrâneos; nada me dobrará a dizer por quem tem de ser derrubado Zeus do poder.

**Hermes**

Vê lá se lucrarás alguma coisa com essa atitude.

**Prometeu**

Já vi e resolvi tudo há muito tempo.

**Hermes**

Louco! tenta ao menos uma vez pensar cordatamente, em face do que sofres.

**Prometeu**

É inútil me aborreceres; é como dar conselhos aos vagalhões do mar. Jamais te ocorra que, por medo aos desígnios de Zeus, a minha mente se efemine e, palmas voltadas para cima, imitando as mulheres, eu suplique ao ser mais odioso que me solte estes grilhões. Eu? Nunca!

**Hermes**

Parece tempo perdido continuar falando contigo; meus rogos não te movem nem te abrandam. Mordes o freio como um potro redomão, refugando, lutando contra as rédeas. Sem embargo, tua sanha apoia-se num embuste sem força; pode menos que nada a presunção de quem não sabe pensar. Reflete que borrasca, que tresdobrado vagalhão dos males, de que não há fugir, sobreviverá, se não te convencerem minhas palavras. Primeiro, com o trovão e a chama

do raio, meu pai despedaçará estes alcantis, sepultando o teu corpo, e serás embalado no regaço destas penhas. Passarás assim uma eternidade; depois, virás de volta à luz, mas uma águia ruiva, cão alado de Zeus, furiosa, rasgará de teu corpo uma posta enorme para – conviva não convidado, que passa o dia no banquete – regalar-se com a iguaria escura de teu fígado. não esperem nenhum fim a este tormento, salvo se aparecer um deus que tome o teu lugar no suplício, disposto a descer às sombras do Hades e às profundezas trevosas do Tártaro. Reflete, portanto; não é ameaça forjada; foi dita para valer; os lábios de Zeus não sabem mentir; ele cumpre a palavra. Abre os olhos, pensa e não creias que orgulho alguma vez valha mais do que a cordura.

### **Coro**

A nosso ver são assaz oportunos os conselhos de Hermes; ele te exorta a deixar de soberbas e consultar a sábia cordura. Deixa-te persuadir; para um sábio, a decisão errada é uma vergonha.

### **Prometeu**

Sua mensagem insistente nada me disse de novo; sevícias de inimigos não desonram um inimigo. Já agora, podem atirar sobre mim a trança de fogo de duas pontas, podem abalar o éter com o trovão e com a convulsão dos ventos indômitos; pode o seu sopro arrancar dos fundamentos a terra com suas raízes; podem as ondas do mar, num tumulto violento, inundar as rotas dos astros do céu; pode Zeus, na voragem impiedosa de sua prepotência, precipitar o meu corpo destas alturas nos negros do Tártaro; a verdade é que não me pode matar.

### **Hermes**

Tais idéias e palavras são as que podem ouvir da boca de insanos. Que sinal de loucura falta aos desafios de Prometeu? Sua fúria não se afrouxa. Vós outras, porém, as condoídas de seus sofrimentos, afastai-vos daqui a toda pressa, para que não vos aparvalhe a mente o mugido implacável do trovão.

### **Coro**

Usa de outra linguagem e dá-me conselhos convincentes. Nas águas de tua tirada veio rolando uma proposta realmente intolerável; tu me incitas à prática da covardia? Homessa! Estou com Prometeu, disposta ao que der e vier. Fui ensinada a odiar os traidores e não há peste que eu repila com mais nojo.

### **Hermes**

Se assim é, lembrai-vos do que predigo; quando colhidas na adversidade, não culpeis o Destino, nem acuseis jamais a Zeus de precipitar-vos num suplício imprevisto. não! Culpai-vos a vós mesmas. Estais prevenidas e não será de improviso e de surpresa que vossa insensatez vos enredará nas malhas da calamidade.

(Sai.)

**Prometeu** (*Relâmpagos, trovões, ventania; as Oceânides fogem espavoridas e as penhas desabem sobre Prometeu.*)

Agora são os fatos e não mais palavras! A terra estremeceu; muge nas profundezas o eco do trovão; fulguram os ziguezagues inflamados do raio; turbilhões revolvem o pó; saltam os sopros de todos os ventos uns contra os outros, numa guerra aberta de tufões contrários; o éter e o mar se confundiram. Essa a rajada de Zeus, que avança sobre mim, visando amedrontar-me. Nume venerando de minha mãe! Éter que envolves o mundo na luz que a todos pertence! Vedes que iniquidade padeço?